

## A identidade de Emma, no conto "Emma Zunz", apreendida a partir do percurso gerativo de sentido

*Emma's identity in the short story "Emma Zunz", according to the generative path of meaning*

**Dulcimar Albuquerque de Sousa**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil.

### **Dulcimar Albuquerque de Sousa**

Mestra em Linguística Aplicada. Integrante do grupo de pesquisa Terminologia e Ensino de Línguas Estrangeiras da Unioeste. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1442-0941>. E-mail: [dulcimar.sousa@unioeste.br](mailto:dulcimar.sousa@unioeste.br).

Submetido em: 27/02/2025

Aceito em: 16/12/2025

Publicado: 31/03/2026

*e-Location*: 19273



ISSN: 2317-9945 (On-line)

ISSN: 0103-6858 (Impressa)

### **Resumo**

O presente artigo é um recorte da pesquisa realizada em curso de especialização que analisou os efeitos de sentido passionais no conto "Emma Zunz", de Jorge Luis Borges, sob a perspectiva da Semiótica do Discurso e das categorias analíticas da Semiótica das Paixões. Nosso objetivo principal é elucidar a identidade da personagem Emma a partir de uma leitura semiótica do conto. O referencial teórico foi baseado principalmente nos seguintes autores: Greimas e Fontanille (1993); La Taille (2010); Landowski (2012) e Fontanille (2015). Neste artigo, trazemos como diferencial a inclusão da perspectiva de Goffman (1981, 2002) para ampliar a análise acerca das interações sociais na constituição identitária da personagem. A pesquisa se configura como qualitativa e interpretativa, e os resultados das análises revelaram que é a partir das relações actoriais e das suas dinâmicas que a identidade de Emma se constitui.

**Palavras-chave:** Semiótica das Paixões; percurso gerativo de sentido; relações actoriais; identidade.

### **Abstract**

*This article focuses on part of the Specialization's research that analyzed the effects of passionate meaning in the short story "Emma Zunz", written by Jorge Luis Borges, according to the perspective of Semiotics of Discourse and the analytical categories of the Semiotics of Passions. Our principal aim is to elucidate Emma's identity from a semiotic reading of the story. The theoretical framework was mainly based on the following authors: Greimas and Fontanille (1993); La Taille (2010); Landowski (2012) and Fontanille (2015). In this article, we present the inclusion of Goffman's (1981, 2002) perspective as a distinctive contribution to expand the analysis of social interactions in the*

*character's identity construction. This research is qualitative and interpretative, and the analysis' results discovered it is from the actors relationships and their dynamics that Emma's identity is constituted.*

**Keywords:** *Semiotics of Passions; generative path of meaning; actorial relations; identity.*

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

O conto "Emma Zunz" integra a obra *O Aleph*, do escritor argentino Jorge Luis Borges, publicada originalmente em 1949 e composta por narrativas ficcionais inscritas na literatura fantástica. Uma das principais características dos escritos de Borges, segundo Tomassini (2017), é a brevidade, presente tanto nos ensaios críticos e resenhas literárias quanto em seus textos ficcionais. Essa brevidade confere aos textos uma densidade semântica ao selecionar apenas os elementos essenciais para a construção do enredo. Ainda conforme Tomassini (2017), os escritos borgeanos trazem duas outras características que evidenciam sua forma de escrever: a semelhança com a oralidade e a estreita relação entre prosa e poesia. Em "Emma Zunz", a oralidade manifesta-se na construção da voz narrativa, enquanto a articulação entre prosa e poesia decorre da incorporação de recursos como repetições, metáforas e ritmo.

Entre os estudos recentes sobre esse conto, destaca-se o trabalho de Guizzo, Cortez e Nascimento (2023), que analisaram o percurso gerativo de sentido, destacando a transformação de estado do sujeito, seus investimentos figurativos e as construções discursivas relacionadas à condição da mulher na sociedade. O estudo, desenvolvido com base na Semiótica Discursiva e em referenciais críticos consolidados acerca da produção literária de Borges, enfatizou a representação literária da protagonista como agente de atos violentos e como uma provável afirmação da emancipação feminina por meio da figuração do assassinato.

Neste artigo, propomos uma leitura que se diferencia dessa abordagem ao focalizar os efeitos de sentidos passionais na construção da identidade da personagem com base na Semiótica das Paixões de Greimas e Fontanille (1993), na Sociosemiótica de Landowski (2012) e na Sociologia de Goffman (1981; 2002). Por meio de uma

metodologia qualitativa e interpretativa, buscamos evidenciar de que maneira a protagonista, em sua relação com os demais personagens da trama, representa o seu "eu" para evitar o julgamento de suas ações. A seguir, apresentamos o conceito de paixões no contexto da semiótica greimasiana e os elementos imbricados no conceito de identidade na sociedade, fundamentos que orientam a análise do conto.

## **A SEMIÓTICA DAS PAIXÕES E O CONCEITO DE IDENTIDADE**

Greimas, com a obra *Semântica Estrutural*, inaugura a teoria da significação. De acordo com esse autor, "[...] o mundo humano se define essencialmente como o mundo da significação. Só pode ser chamado 'humano' na medida em que significa alguma coisa" (Greimas, 1976, p. 11). Assim, a problemática da significação é inserida no centro das pesquisas nas ciências humanas. A partir do desenvolvimento da teoria da significação, temas como emoções, paixões, relações com o mundo sensível passaram a ser objetos de estudo da Semiótica. Esses temas, até então, haviam sido excluídos de seu campo de interesse em nome da objetividade científica que os princípios do Estruturalismo impunham à Semiótica.

A Semiótica do Discurso surge, então, para tratar desses fenômenos como objetos de conhecimento, "[...] agora se pode falar de paixões e de emoções discursivas da mesma forma que se pode falar de enunciação do discurso ou de uma lógica narrativa ou argumentativa do discurso" (Fontanille, 2015, p. 25). Desse modo, a Semiótica Estrutural abriu espaço para o sensível, para a impressão subjetiva.

Greimas e Fontanille (1993) apresentam as concepções de "estado de coisas" e de "estado de alma". Aquele se refere ao estado de coisas do mundo que se acha transformado pelo sujeito; já este se refere ao sujeito competente em vista da ação e de sua competência modal, é aquele que age e sofre ao mesmo tempo as transformações necessárias para a conquista do objeto de desejo. Com base nessas duas concepções do "estado" é que surge o dualismo sujeito/mundo, em que se pode observar, a partir do estado de alma do sujeito, a competência para a transformação do mundo e dele mesmo impulsionado pelas paixões.

Sob a perspectiva de Greimas e Fontanille (1993), as paixões não são propriedades unicamente do sujeito, mas também de todo o discurso, posto que se trata de efeitos de sentido produzidos pela organização discursiva das estruturas modais. A paixão, da mesma forma que a ação, está no âmbito da sintaxe, que lhe confere efeitos passionais conforme seu contexto discursivo, o que significa dizer, por exemplo, que a “amabilidade” pode ser entendida como uma espécie de inocência ou de maquiavelismo.

Durante o percurso passional, a emoção representa um fator primordial para a compreensão das paixões. Conforme Fontanille (2015), a emoção se configura como uma das fases dos percursos passionais, sendo responsável por expressões somáticas, como alterações na cor da pele e na fisionomia. Essas expressões funcionam como meios de externalizar os sentimentos. Além disso, o percurso passional possibilita compreender a construção da identidade de personagens, pois envolve mudanças de estado que evidenciam como o sujeito reage ao contexto narrativo. As paixões, ao revelar valores, modos de agir e de se relacionar com os outros, contribuem para tornar apreensível essa identidade. Para discutir o conceito de identidade e os elementos imbrincados nele, trazemos o pensamento de quatro teóricos, a saber: dos semióticos Greimas e Courtés, do sociosemiótico Landowski e do sociólogo Erving Goffman.

Para Greimas e Courtés (1979) os conceitos identidade e alteridade estão inter-relacionados, posto que:

O conceito de identidade, não-definível, opõe-se ao de alteridade (como “mesmo” a “outro”), que também não pode ser definido: em compensação, esse par é interdefinível pela relação de pressuposição recíproca, e é indispensável para fundamentar a estrutura elementar da significação (Greimas; Courtés, 1979, p. 223, grifo do autor).

Nessa mesma linha de raciocínio, Landowski (2012) afirma que a identidade é compreendida a partir da maneira como nos definimos e definimos os outros. Por meio dessa diferenciação, percebemo-nos como indivíduos únicos. Nesse processo, a convivência desempenha um papel essencial, permitindo-nos compreender as características que nos fazem seres singulares. Assim, a presença do “outro” é indispensável para a formação e o reconhecimento do “eu”.

O que dá forma à minha própria identidade não é só a maneira pela qual, reflexivamente, eu me defino (ou tento me definir) em relação à imagem que outrem me envia de mim mesmo; é também a maneira pela qual, transitivamente, objetivo a *alteridade* do outro atribuindo um conteúdo específico à diferença que me separa dele. Assim, quer a encaremos no plano da vivência individual ou [...] da consciência coletiva, a emergência do sentimento de "identidade" parece passar necessariamente pela intermediação de uma "alteridade" a ser construída (Landowski, 2012, p. 4, grifo do autor).

Dessa forma, pressupõe-se uma relação recíproca entre identidade e alteridade, em que a definição de um depende da definição do outro, sendo a diferença o elemento que atribui valor a ambos os conceitos; perspectiva que os autores reforçam em suas abordagens.

O sociólogo Erving Goffman (2002), por sua vez, aborda o conceito de identidade social, relacionando-o à noção de performance e à gestão das impressões no meio em que as interações ocorrem. Seu trabalho se concentra nas dinâmicas sociais, nas quais o papel de um indivíduo é construído em relação aos papéis desempenhados pelos outros com quem interage. Para explicar como o sujeito representa sua identidade diante dos outros, o autor emprega a metáfora do teatro.

Goffman (2002) argumenta que o sujeito social tem a capacidade de manipular a impressão que deseja causar nos outros, baseando-se no conhecimento que tem das expectativas desses outros em uma determinada situação. Em seu modelo de representação teatral, o autor destaca que o indivíduo, compreendido como ator social, utiliza estratégias para que os observadores aceitem como verdade o papel que está representando na sociedade. Segundo o sociólogo (2002),

[a] informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada [...]. Se conhecem o indivíduo ou estão informados a respeito dele, em virtude de uma experiência anterior à interação podem confiar nas suposições relativas à persistência e generalidade dos traços psicológicos, como meio de predizer-lhe o comportamento presente e futuro (Goffman, 2002, p. 11).

Por conseguinte, como demos a ver, um indivíduo pode moldar sua maneira de se expressar e agir conforme as expectativas da sociedade. Para receber a resposta

desejada, ele realiza sua performance, ou seja, atua de maneira a influenciar, de algum modo, os outros, ajustando sua representação às condições do contexto. Isso implica considerar tanto o que pode ser visto no palco quanto o conhecimento prévio que o público tem dele. Goffman (2002) acrescenta que,

Subjacente a toda interação social parece haver uma dialética fundamental. Quando um indivíduo se apresenta a outros, desejará descobrir os fatos da situação. Se possuir esta informação, poderá saber, e levar em consideração, o que irá acontecer, e dar às pessoas presentes o que lhes é devido, de modo coerente com seu interesse próprio assim esclarecido (Goffman, 2002, p. 228).

Assim, o “eu” é compreendido a partir da representação que fazemos de nós mesmos para os outros. Nesse sentido, é preciso destacar o fato de que “a própria estrutura do ‘eu’ pode ser considerada segundo o modo como nos arranjamos para executar estas representações na nossa sociedade” (Goffman, 2002, p. 230).

Ademais, a identidade social pode ser compreendida por meio da categoria à qual um indivíduo pertence e dos atributos a ele associados. Ao ser apresentado à sociedade, o sujeito é categorizado com base em aspectos como ocupação e caráter, por exemplo. Essas concepções definem a identidade social virtual. Já a identidade social real é aquela que o indivíduo efetivamente comprova ao demonstrar ter determinados atributos e pertencer a uma categoria (Goffman, 1981).

Outro conceito relevante na discussão sobre identidade social é o de estigma. Consoante Goffman (1981), esse termo se refere a um atributo que desqualifica o indivíduo em determinados contextos de interação. O autor identifica três tipos principais de estigmas: deformidades físicas; traços de caráter considerados negativos, como desonestidade ou vícios; e estigmas tribais, ligados à raça, nacionalidade ou religião. Em todos os casos, o estigma gera um efeito sociológico semelhante, pois um indivíduo que normalmente seria aceito nas interações sociais cotidianas pode apresentar uma característica marcante que afasta pessoas e obscurece outros aspectos de sua identidade.

Após essa breve explanação concernente à Semiótica das Paixões e ao conceito de identidade, passaremos, na seção seguinte, à análise e discussão acerca da identidade de Emma no conto “Emma Zunz” a partir do Percurso Gerativo de Sentido.

## **O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE EMMA**

De acordo com Greimas e Fontanille (1993), toda narrativa apresenta um sistema actancial, formado por um conjunto de actantes, definidos como seres ou coisas que participam do processo de construção da narrativa. Em última instância, os actantes são os seus agentes, a saber: o sujeito (personagem ou entidade empenhada na conquista de um objeto), o objeto (personagem, entidade ou aquilo que o sujeito busca obter ou atingir), o destinador (o acontecimento que concretiza o objetivo do sujeito), o destinatário (para o qual ou o que a ação é dirigida), o adjuvante (quem ou o que contribuirá com o objetivo do sujeito) e o oponente (obstáculo na conquista do objeto).

A história descrita em "Emma Zunz" se passa nos dias 14, 15 e 16 de janeiro de 1922, na cidade de Buenos Aires, em meio a boatos de greve na fábrica de tecidos Tarbuch e Loewenthal. O conto traz Emma como a personagem principal da narrativa; além de outras personagens que servem de argumentos para ações de Emma, são elas: Loewenthal, dono da fábrica e chefe de Emma; Elsa, sua melhor amiga; Emanuel Zunz, seu pai; e um homem de nome e nacionalidade desconhecidos. A trama gira em torno do desejo de vingança que Emma sente por acreditar que seu pai está morto em decorrência de atitudes de seu chefe.

Ao aplicarmos o sistema actancial ao conto, teremos a seguinte configuração: Emma Zunz é o sujeito da narrativa, que, inicialmente, está em disjunção com seu objeto; esse objeto é a vingança, que, segundo Emma, representa a justiça de Deus. O destinador seria a morte daquele que ela acredita ser o culpado pela fuga do pai. O destinatário de sua vingança é Loewenthal, o dono da fábrica onde ela trabalha. O adjuvante está representado por um homem do Nordstjärnan, aquele com quem ela terá relações sexuais. E, por fim, o oponente seria o próprio Loewenthal. Neste trabalho, trataremos apenas do sujeito, que é a personagem Emma em sua trajetória de realização de sua vingança (Sousa, 2018).

Os actantes em "Emma Zunz" estão organizados de acordo com as categorias apresentadas no Quadro 1 a seguir:

**Quadro 1** - Sistema actancial do conto "Emma Zunz"

Actantes	Elementos da narrativa
Sujeito	Emma Zunz
Objeto	Vingança
Destinador	A morte de Loewenthal
Destinatário	Loewenthal
Adjuvante	Um homem do Nordstjärnan
Oponente	Loewenthal

Fonte: Sousa (2018, p. 38).

A narrativa do conto, do ponto de vista da personagem Emma, poderia, no nível fundamental, que corresponde ao nível mais abstrato e geral, ser orientada pela categoria semântica mínima *justiça versus injustiça*, de modo que a categoria é definida na relação dos termos simples *justiça* e *injustiça*. Assim, o sentido se estabelece em uma rede fundamental de relações formalizada no modelo do quadrado semiótico. Para Emma, a vida de Loewenthal afirma o termo *injustiça*. Ao planejar a morte dele, ela nega esse termo e, ao matá-lo, afirma o termo *justiça*. Portanto, o conto realiza o percurso *injustiça* → *não injustiça* → *justiça*. Esse é um dos percursos possíveis, já que a orientação contrária *justiça* → *não justiça* → *injustiça* também está prevista no modelo. Além dos termos contrários *justiça* e *injustiça*, há nessa rede de relações os termos contraditórios *não injustiça* e *não justiça* (Sousa, 2018).

O modelo do quadrado semiótico representa essas relações na Figura 1:

**Figura 1** – Esquema das categorias de análise no quadrado semiótico

Fonte: Adaptada de Pietroforte (2015).

No nível narrativo, as transformações ao longo do enredo assumem um papel central. Emma Zunz inicia sua trajetória na narrativa em um estado de carência, sem o objeto de valor que motiva suas ações. Para superar essa condição, ela reflete sobre as ações necessárias para alcançar seu objetivo. Esse processo revela o estado constante de tensão vivido pela personagem enquanto executa seu plano de vingança.

A tensão tem início no dia 14 de janeiro de 1922, com a chegada de uma carta do Brasil informando-lhe o suicídio de seu pai. Profundamente abalada pela notícia, Emma revive lembranças de sua infância e elabora um plano para fazer justiça contra aquele que ela acredita ser o responsável pela fuga e consequente ausência de seu pai (Sousa, 2018).

Em semiótica, as transformações de estado sustentam a narrativa, em que uma narrativa mínima pode ser definida entre os estados de conjunção e de disjunção e um fazer responsável pela transformação de um estado em outro. Conforme descrito por Pietroforte (2015),

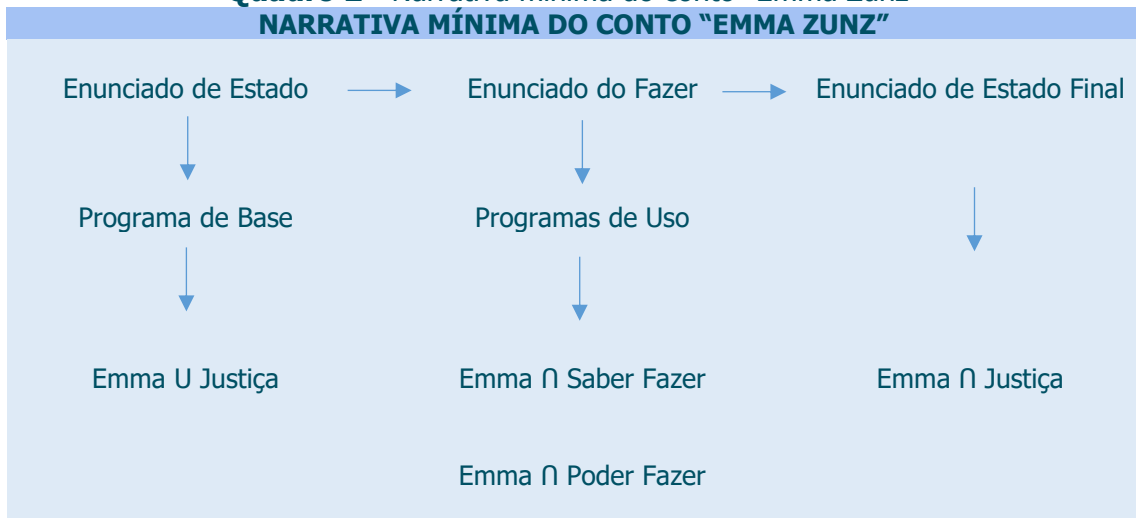
[...] o estado de conjunção é representado por (Suj.  $\cap$  Obj.); o de disjunção, por (Suj.  $\cup$  Obj.); e o fazer transformador, por  $\rightarrow$ . Desse modo, a narrativa mínima tem o seguinte esquema: (Suj.  $\cup$  Obj.)  $\rightarrow$  (Suj.  $\cap$  Obj.). Evidentemente, pode-se partir de uma conjunção em direção a uma disjunção no sentido contrário (Suj.  $\cap$  Obj.)  $\rightarrow$  (Suj.  $\cup$  Obj.). Assim, definem-se dois tipos de enunciados elementares: enunciados de estado, que podem ser de conjunção ou de disjunção, e enunciados de fazer, que dizem respeito às ações que promovem transformações nos enunciados de estado (Pietroforte, 2015, p. 16).

A partir da configuração desse esquema, temos a seguinte sequência: enunciado de estado, enunciado de fazer e enunciado de estado final; é essa sequência que define um programa narrativo. Esse programa é responsável por organizar a narrativa em quatro etapas: o contrato, a competência, a performance e a sanção.

Na narrativa em análise, é possível verificar um programa principal e programas subordinados, também denominados, respectivamente, programa de base e programas narrativos de uso. No programa de base, o sujeito Emma está em disjunção com o objeto de valor justiça; para entrar em conjunção com ele, ela precisa adquirir a competência para tal por meio dos programas de uso.

Os programas de uso são formalizados pela semiótica como representantes de um saber fazer e um poder fazer, relativos à performance. No conto, Emma realiza sua performance porque ela está em conjunção com o saber, já que sabe como porá em prática seu plano, e com o poder, já que tem a coragem para executar suas metas.

Os programas narrativos e as sequências de enunciados estão representados, logo a seguir, no Quadro 2:

**Quadro 2** - Narrativa mínima do conto "Emma Zunz"

Fonte: Sousa (2018, p. 42).

A articulação entre competência e performance define o percurso narrativo da ação. De acordo com Bertrand (2003), a ação, a manipulação e a sanção representam os três grandes domínios da semiótica. Passaremos agora a ver como esses dois outros se apresentam em Emma.

Para que um sujeito comece seu percurso da ação, ele precisa ser manipulado para isso. Emma é manipulada pelo desejo de justiça e ela também é sujeito da manipulação quando convence Loewenthal de recebê-la na casa dele. No conto, o sujeito destinador desconhece os reais intentos do sujeito manipulador. Desse modo Emma, arditosamente, realiza a manipulação por meio de um objeto de valor positivo para o destinador, ou seja, a informação sobre os prováveis responsáveis pela ameaça de greve na fábrica. Nesse caso, a manipulação ocorreu pela tentação, em que o destinador manipulador busca incitar um querer por parte do destinatário (Sousa, 2018).

Após a realização da performance, ela pode ou não ser sancionada por um destinador julgador que avalia de acordo com o ser e o parecer do que foi feito pelo destinatário da sanção. Nesse julgamento, "quando *é* e *parece*, há a verdade, e quando *não é* e *não parece*, a falsidade. Quando *parece* mas *não é*, há a mentira, e quando *é* mas *não parece*, o segredo" (Pietroforte, 2015, p. 17). Loewenthal, ao aceitar a manipulação, toma por verdade algo que é mentira, por um lado, e o que é segredo,

por outro: é mentira que a visita de Emma tem por objetivo informá-lo sobre a instauração de uma greve e é segredo que seu real objetivo era assassiná-lo.

De acordo com Barros (2005), as estruturas narrativas são convertidas em estruturas discursivas quando assumidas pelo sujeito da enunciação, e o nível discursivo corresponde ao mais superficial do percurso, estando mais próximo da manifestação textual. Ainda segundo Barros (2002), analisar o discurso é especificar as condições de produção do texto. Nesse nível, vários elementos podem ser analisados, no entanto vamos aqui nos limitar apenas ao estudo do narrador, cuja voz é outorgada pelo sujeito da enunciação.

No conto em análise, temos o narrador heterodiegético que, segundo Reis e Lopes (1988), é caracterizado predominantemente pela terceira pessoa, detém uma considerável autoridade que o faz empregar estratégias de organização temporal, além de, na condição de observador, defender o ponto de vista de uma personagem, ou ainda, manter uma posição neutra em relação aos fatos narrados, limitando-se a apenas descrevê-los. O narrador heterodiegético, no que se refere à subjetividade, realiza, ainda de acordo com Reis e Lopes (1988), as intrusões<sup>1</sup>, que seriam os juízos específicos sobre os acontecimentos narrados.

Em "Emma Zunz", o narrador emprega diversas formas de intrusões. Dentre elas, percebemos o uso dos parênteses para retificações, como em "recordou (procurou recordar)", para detalhamentos descritivos em "um saguão (onde havia uma vidraça com losangos idênticos aos da casa em Lánus)" e para explicar as ações da personagem, como em "(Não por temor, mas por ser um instrumento da Justiça, ela não queria ser castigada.)". Também o narrador adverte o leitor do que ocorrerá, o que pode ser percebido antes da narração do desfecho da vingança quando é dado a saber que os fatos planejados não sucederiam como previsto ("Mas as coisas não aconteceram assim").

Esses percursos e elementos definidos até agora, para Greimas e Fontanille (1993), pertencem ao estado de coisas, mas a análise da competência do sujeito

---

<sup>1</sup> Reis e Lopes (1988) apresentam a expressão "intrusão do narrador", empregada para demonstrar as marcas de subjetividade do narrador no enunciado. Essas marcas são apreendidas nos planos ideológico e afetivo, podendo surgir de maneira excessiva e inusitada. E o narrador pode se valer dessas intrusões para suscitar no leitor incertezas quanto aos fatos narrados.

também deve ser compreendida por meio dos estados de alma, o que se torna possível com a Semiótica das Paixões. Desse modo, o orgulho, a cólera e outras paixões passam a ser ponderadas nas relações entre o sujeito e o seu fazer, constituindo-se, portanto, em componentes do Percorso Gerativo de Sentido.

Uma vez que Emma é a única que ouviu de seu pai que Loewenthal é culpado por sua partida e ela acredita nisso, ela tem consciência de que não terá ajuda direta para realizar sua performance. Desse modo, é preciso uma forte paixão para pôr em marcha seu plano; assim sendo, a paixão vivenciada por Emma pode ser caracterizada como violenta, pois a leva a fazer coisas que não condizem com a sua personalidade apassivadora, pois, diante de boatos de greve na fábrica, “Emma, como sempre, declarou-se contra toda violência”.

Segundo Greimas e Fontanille (1993), nas paixões violentas há uma quebra do discurso, fazendo surgir a sensibilização em sua pontualidade incoativa como fator de heterogeneidade, ou

[...] espécie de transe do sujeito que o transporta a um alhures imprevisível, que o transforma, gostaríamos de dizer, em um sujeito outro. É aí que a paixão aparece em sua nudez, como a negação do racional e do cognitivo, e que o “sentir” transborda o “perceber” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 18, grifo do autor).

Emma, após ler a carta na qual é narrado o suicídio de seu pai, passa a rememorar seu passado e a sofrer uma transformação de personalidade; ela, que é descrita pelo narrador como uma moça virgem, de dezoito anos, tímida e declaradamente contra todo tipo de violência, torna-se uma mulher calculista que se utiliza dos seus atributos conhecidos pelas pessoas que a cercam para pôr em prática seu plano de vingança. Estamos diante de duas mulheres: uma Emma incapaz de reagir em seu próprio favor (“... teve de rir das piadas vulgares sobre o exame médico”), e uma Emma enfurecida pelo desejo de vingança.

Conforme a Semiótica das Paixões, a paixão é “construída sintaticamente por meio de encadeamentos do fazer, isto é, nas manipulações, seduções, torturas, investigações, encenações etc.” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 50). No conto, verificamos esses elementos nas ações de Emma, que, obstinada pelo desejo de

vingança, é capaz de planejar e permitir a violação de seu próprio corpo para concretizar seu objetivo.

Nesse conto borgeano, verificamos que o sujeito Emma está obstinado a concretizar sua vingança. Na perspectiva de Greimas e Fontanille (1993, p. 63), a obstinação vista como "disposição para prosseguir num caminho previamente traçado, sem se deixar desencorajar pelos obstáculos", mantém o sujeito em estado de continuar a fazer – ainda que o êxito do objetivo esteja comprometido. Emma, apesar de não obter de Loewenthal a confissão do crime, consumou seu ato de vingança.

O narrador deixa evidente que, mesmo que houvesse a possibilidade de Emma duvidar da culpa de Loewenthal ao ouvir o seu discurso, ainda assim ela não deixaria de matá-lo, uma vez que, para que seu plano fosse plausível, ela havia se permitido ser abusada sexualmente. "Não podia deixar de matá-lo, depois daquela minuciosa desonra".

Ainda sobre a obstinação, Greimas e Fontanille (1993) acrescentam:

O dispositivo modal característico da paixão "obstinação" constitui-se por modalizações do ser; com efeito, um simples querer-fazer não bastaria para explicar o prosseguimento indefectível do fazer... É, pois, o "excedente modal" regente que garante a perseguição da performance, apesar do obstáculo, e caracteriza especificamente a obstinação; e também a presença desse excedente que obriga a formular o dispositivo passional em termos de "organização modal do ser", e não em termos de "competência em vista do fazer" (Greimas; Fontanille, 1993, p. 63, grifo do autor).

Após a compreensão dos efeitos da obstinação na narrativa, é possível identificar quais sentimentos conduziram Emma ao ápice de suas ações ao entendermos que para agir o ser humano precisa estar motivado, e esta motivação ocorre quando somos acometidos por emoções.

Ao receber a carta que revela o suicídio de seu pai, Emma rememora sua vida junto a ele e o motivo de sua partida, assim ela é acometida pela tristeza e pelo pesar, que se transformam na paixão raiva; esta, por sua vez, é intensificada e se converte em ódio à medida que ela evoca os fatos do passado e acredita que Loewenthal segue impune. Desse modo, seu ódio a torna obstinada e a leva a traçar as metas para atingir

sua vingança. Sendo assim, sua obstinação movida pelo ódio não mede esforços, o que intensifica ainda mais seu desejo de vingança (Sousa, 2018).

Dito isso, se colocássemos em uma escala os efeitos passionais do sujeito Emma, poderíamos distribuí-los do seguinte modo: Emma que sofre a morte do pai; Emma que não aceita o distanciamento do pai; Emma que condena a impunidade; Emma que acredita ter o direito de fazer justiça ainda que seja condenada pela sociedade; e Emma que age apesar de tudo.

Os efeitos passionais do conto estão sintetizados no gráfico da Figura 2, a seguir:

**Figura 2** – Gráfico dos efeitos passionais em “Emma Zunz”



Fonte: Sousa (2018, p. 47).

No gráfico, os efeitos passionais, representados pela linha, resultam da interseção entre o eixo vertical, que indica a intensidade das emoções, e o eixo horizontal, que marca o tempo da narrativa.

Diante do exposto, vimos que o Percurso Gerativo de Sentido evidenciou um sujeito levado por suas paixões a transformações intensas que o permitiram, por meio de um querer, um saber, um poder e um fazer, concretizar seu plano de vingança. Nesse conto, temos um sujeito inicialmente tímido e pacífico, mas que, após o recebimento de uma carta que lhe comunicara a morte de seu pai, passa por uma mudança interna capaz de transformá-lo em um justiceiro que se utiliza das suas

características comportamentais em sociedade para levar a cabo seu propósito de vingança.

Adicionalmente, vale desenvolver o tema da moralização para, posteriormente, adentrar na discussão acerca da construção da identidade de Emma. Para La Taille (2010), as teorias, de modo geral, apontam para um relativismo quando se trata de definir a moral. Para o autor,

[...] se ficarmos com as teorias psicológicas clássicas da motivação para a ação moral, devemos assumir o relativismo moral e a heteronomia básica de cada indivíduo; e se ficarmos com as teorias do juízo moral, reconhecemos a realidade da autonomia e da progressiva unidade da moral, mas nos privamos de um entendimento do **querer agir** (La Taille, 2010, p. 108, grifo nosso).

Segundo esse autor, o estudioso da moral deve buscar compreender os motivos afetivos da ação moral. Ao tratar do termo ética, ele afirma que, apesar de ser empregado amplamente como sinônimo de moral, inclusive no meio acadêmico, é possível estabelecer diferenças pela convenção; assim, "a primeira dessas possibilidades consiste em reservar a palavra 'ética' a deveres de ordem pública" (La Taille, 2010, p. 109). Teríamos, portanto, expressões como "ética na política" e "código de ética".

Assim, podemos aferir dessas definições que o sentido de moral para La Taille (2010), baseado no "querer fazer" e nas raízes afetivas do sujeito, está mais em convergência com a proposta da semiótica no estudo da moralização.

A moralização, para Greimas e Fontanille (1993), incide sobre o comportamento observável. Diante deste conhecimento, Emma arquiteta seu plano de modo que, depois de matar Loewenthal, possa narrar uma história que a todos pareça verídica e justa, uma vez que ela passará a imagem de que havia assassinado seu agressor. Dessa forma, vislumbramos a construção de um papel ético pautado em um julgamento previsível de um *destinador-judicador*, aquele que julga apenas o sucesso e a conformidade do fazer. Poderíamos ainda afirmar que as ações praticadas por Emma levam em consideração a presença de um actante avaliador, e que este seria a própria Emma diante de suas atitudes.

Com isso, a moralização pressupõe a existência de uma relação intersubjetiva, pois “tudo se passa como se, no momento em que intervém o julgamento ético, o ator tivesse parado em seu desenvolvimento, fixado na última imagem que o julgamento seleciona, para construir um papel ético” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 156).

O estudo da moralização somente é possível após a compreensão do percurso do sujeito, uma vez que, conforme postulam esses teóricos, ela corresponde ao fim da narrativa. Trata-se de perceber, a partir da observação comportamental, como a construção da personagem se deu para que se obtenham os efeitos moralizantes na obra.

No conto, Emma, após alcançar seu objetivo de vingança, ainda precisava construir uma imagem que lhe garantisse aceitação e proteção por parte do outro, entendido aqui como a sociedade, que exerce o julgamento ético e moral sobre o papel dos indivíduos. Em vista disso, ela constrói sua identidade social por meio da performance, ou seja, por meio de suas ações, ela manipula as normas sociais e legais para justificar o assassinato de Loewenthal. Para isso, cria evidências de estupro ao se envolver com um marinheiro. O ato tem uma função tanto pragmática como simbólica, pois possibilita a construção de uma narrativa coerente que sustenta sua identidade de vítima. Esse manejo das impressões é essencial para convencer a polícia e a sociedade de sua época. Ao selecionar o que revela e o que oculta, Emma gerencia suas ações de modo a conferir credibilidade ao assassinato de Loewenthal como um ato de legítima defesa.

Goffman (2002) defende que a habilidade de regular as impressões é primordial para a manutenção da identidade social. Tal competência decorre da capacidade de o ator administrar as informações que expõe no palco e as que deseja manter em segredo nos bastidores. No conto, essa dinâmica entre palco e bastidores se manifesta na ocultação da verdadeira motivação da personagem para cometer o assassinato e no planejamento frio e meticuloso de sua vingança. Os detalhes dessa preparação permanecem nos bastidores e são revelados apenas ao leitor por meio do narrador. O excerto “Não dormiu naquela noite, e, quando a primeira luz definiu o retângulo da janela, seu plano já estava perfeito” (Borges, 2008, p. 46) exemplifica essa construção narrativa, evidenciando o caráter pormenorizado do crime.

A narrativa de Emma lida com a tensão entre o que é aceitável socialmente — a busca de justiça pela via legal — e o que ela acredita ser necessário — a vingança pessoal como justiça divina. Obstinação em concluir seu plano e ciente de que isso a levaria a ser estigmatizada como criminosa, o que certamente desqualificaria sua busca por justiça, Emma se apropria de uma narrativa socialmente aceitável — o papel da mulher vítima de violência sexual cometida por um homem em posição de poder. Esse discurso reforça sua identidade social, conferindo-lhe uma posição de legitimidade ou, até mesmo, de heroísmo.

Assim, Emma manipula os fatos para construir o papel de vítima que reage à violência. Ao assumir o estigma de vítima de violência sexual em vez de perversa, Emma não apenas desvia a atenção da premeditação do crime, como também busca obter o apoio implícito da sociedade para validar sua ação como autodefesa. Seu planejamento detalhado corrobora a teoria de Goffman (1981) de que o indivíduo manipula as informações disponíveis ao público para evitar estigmatização. Ao construir sua narrativa conforme as normas sociais sobre gênero, violência e justiça, ela assegura que sua performance de vítima seja validada. Teceremos, a seguir, as considerações finais deste estudo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo, analisamos o conto "Emma Zunz" sob a perspectiva da Semiótica Discursiva e da Semiótica das Paixões para compreender a construção identitária da protagonista. Para isso, identificamos as estruturas actanciais e suas imbricações no enredo, tomando como base a categoria semântica mínima *justiça versus injustiça* no nível fundamental da narrativa. Em um nível mais profundo, examinamos as paixões constituintes do discurso.

Observamos as transformações do sujeito na busca do objeto de valor ao analisar seus estados de alma. Inicialmente, Emma é tímida e pacífica, defensora da não violência; contudo, movida pela obstinação vingativa, torna-se um sujeito da transformação, disposto a qualquer sacrifício para atingir seu objetivo. Constatamos, portanto, que as paixões, como componentes do Percurso Gerativo de Sentido,

permitted to identify the actorial relations through the modalizers “querer”, “dever”, “poder” and “saber-fazer”, which define the competence of the subject. This approach revealed how Emma's identity is constructed over the course of the story.

Based on the identity processes of Landowski (2012), we observed that Emma's identity is redefined in relation to alterity, first in the bond with her father and, then, in the interaction with a man from Nordstjärnan. Already from the perspective of Goffman (1981, 2002), we analyzed how Emma manipulates the social perception of her identity to meet the expectations of gender, morality and justice. The narrative ritual of the rape reinforces her position as a victim and seeks to justify her action morally. The existence of an actor-evaluator, embodied by Emma herself, evidences that her conduct is structured around moralization and social judgment.

In the end, we contemplate, through the prism of Greimasian semiotics, that identity can be understood as an effect of meaning and that, in the case of “Emma Zunz”, this effect is given in the construction of Emma's identity resulting from her interpersonal interactions. We emphasize, still, that a literary analysis that leans on subsidies from the Semiotics of Passions, Sociosemiotics and Sociology enriches the study and contributes to the understanding of identity, a concept quite complex due to the constant transformations through which humanity passes.

## REFERÊNCIAS

BARROS, D. L. P. **Teoria do discurso**: fundamentos semióticos. São Paulo: Atual, 2002.

BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005.

BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru, SP: Edusc, 2003.

BORGES, J. L. Emma Zunz. In: BORGES, J. L. **O Aleph**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FONTANILLE, J. **Semiótica do discurso**. São Paulo: Contexto, 2015.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural**: pesquisa de método. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1976.

GREIMAS; A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões**: dos estados de coisas aos estados de alma. São Paulo: Ática, 1993.

GUIZZO, A. R.; CORTEZ, M.; NASCIMENTO, M. M.. O percurso do sujeito: uma análise semiótica do conto Emma Zunz de Jorge Luis Borges. **Revista Literatura em Debate**, [S. l.], v. 18, n. 32, p. 47–59, 2023. DOI: 10.31512/19825625.2023.18.32.47-59. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/literaturaemdebate/article/view/3351>. Acesso em: 25 jan. 2025.

LANDOWSKI, E. **Presenças do outro**: ensaios de sociosemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LA TAILLE, Y. Moral e Ética: uma leitura psicológica. **Psicologia**: teoria e pesquisa. São Paulo, v. 26, p. 105-114, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26nspe/a09v26ns.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2024.

PIETROFORTE, A. V. **Semiótica Visual**: os percursos do olhar. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

REIS, C.; LOPES, A. **Dicionário de Teoria da Narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

SOUSA, D. A. **Os efeitos de sentido passionais no conto "Emma Zunz" de Jorge Luis Borges à luz da semiótica greimasiana**. 2018. Monografia (Especialização) — Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

TOMASSINI, G. Borges: la opción por la brevedad. In: BORGES, Jorge Luis. **Borges esencial**. Portugal: Alfaguara, 2017.